Raquel Miranda Carmona
Leandro de Almeida
Cícero de Sousa Lacerda
Hercílio de Medeiros Sousa
João Carlos de Miranda e Silva
[Organização]

A SALA DE AULA NA MINHA CASA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Capa:
"Dom Zé, Marquês da Ladeira – *Home Office*"
Fotografia: Raquel Miranda Carmona

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (UNIESP)

C287s Carmona, Raquel Miranda.
A sala de aula na minha casa: desafios da educação em tempos de pandemia [recurso eletrônico] / Raquel Miranda Carmona, Leandro de Almeida, Cicero Sousa Lacerda, Hercílio de Medeiros Sousa, João Carlos de Miranda e Silva. - Cabedelo, PB: Editora UNIIESP, 2020.
105 p.

Tipo de Suporte: E-book
ISBN: 978-65-5825-012-8

1. Educação a distância. 2. Aulas remotas - Ensino. 3. Tecnologia da informação. 4. Ensino - Tecnologia. 5. TICs – EAD. I. Carmona, Raquel Miranda. II. Almeida, Leandro de. III. Lacerda, Cicero de Sousa. IV. Medeiros, Hercílio. V. Silva, João Carlos de Miranda e. VI. Título.

CDU: 37.018.43

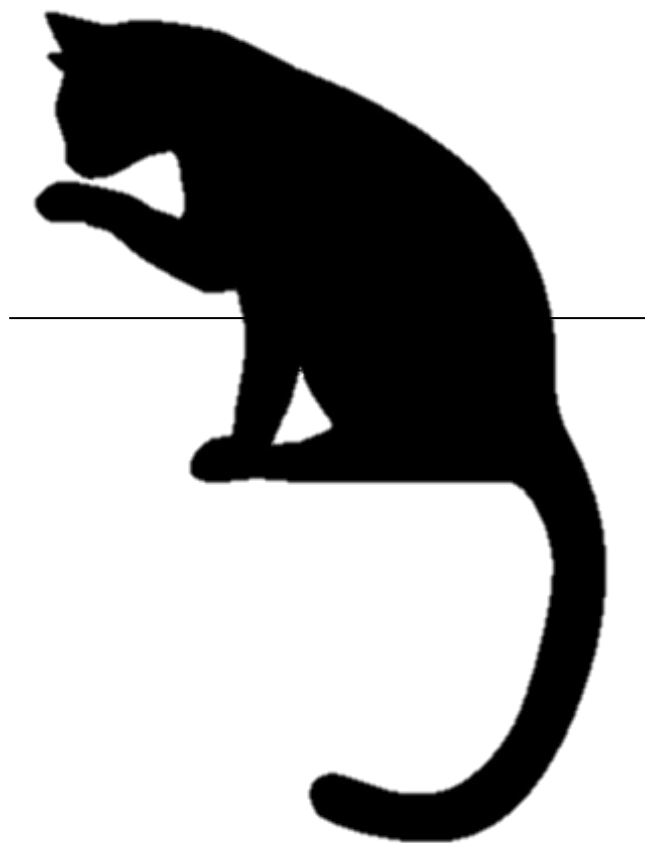
Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053

Editora UNIESP
Rodovia BR 230, Km 14, s/n,
Bloco Central – 2 andar – COOPERE
Morada Nova – Cabedelo – Paraíba
CEP: 58109-303

Dedicado ao grupo
Fazendo História

SUMÁRIO

Um Brasil desconhecido
borbulha há séculos por baixo
da nossa preguiça de fazer história.

Antonio Callado

Café, notebook, apresentação!

Raquel Miranda Carmona[1]
Leandro de Almeida[2]

Numa conversa entre o jornalista Fábio Porchat e Guilherme Boulos (PSOL), no dia 03 de julho último (UOL, 2020), Nataly Mega, a mulher do apresentador aparece nua com a toalha na cabeça, passando muito rapidamente por trás do marido que diante da gargalhada do entrevistado ainda consegue sair da situação de maneira bem-humorada ao afirmar que a mulher está "pelada". Na mesma cena Porchat tem na sua mão direita um pente cor de rosa.

Um procurador do Ministério Público da Paraíba (MPPB) foi flagrado dormindo no decorrer da videoconferência da 7ª sessão de julgamento realizada pela 4ª Câmara do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), segundo a edição do

---

[1] Professora de Metodologia da pesquisa; graduada em História (UFPB); mestre em Ciências das religiões (UFPB); coordenadora da Pós-graduação em Ciências das Religiões, Diversidade e Ensino Religioso (Centro Universitário – UNIESP).
[2] Professor na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e na UNEMAT/UAB, mestre em Ciências das religiões (UNEMAT/UAB).

Jornal Metrópoles[3] de 08 de junho do corrente ano. Fica bastante claro o constrangimento de todos, até que um deles desata em uma sonora gargalhada.

Duas situações que podem ser utilizadas como parâmetros de "viralização", ou seja, uma ação de natureza viral, que se propaga com rapidez, que é contagiosa e alcança um enorme número de visualizações na *internet*, sendo compartilhadas por meio das redes sociais ou outras ferramentas como *blogs*, *sites* e afins. No entanto, essas reproduções nem sempre representam conteúdos de qualidade, antes pelo contrário, a exposição de pessoas em situações vexatórias e/ou ridículas, parece atrair cada vez mais a atenção. São correntes quase sempre religiosas, pirâmides financeiras e pedidos de ajuda; grupos de whatsapp – de trabalho, família, amigos, amores, interesses, labores, lavores e afins. De repente você mora em uma casa, que

---

[3] https://www.metropoles.com/brasil/procurador-e-flagrado-dormindo-durante-sessao-do-tjpb-veja-o-video

fica numa rua, em um bairro da cidade e num mundo paralelo, parece ficção, mas não é.

Mas, o ciberespaço é um lugar no qual ainda não há segurança na navegação. Um sítio de fronteiras muito fluidas e dinâmicas e ampliadas, que acabam por confundir dentro de um espaço interativo e dependente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) a interação social virtual, deturpando a existência de um espaço físico, como disse Carvalheiro (2015) uma *second life* em oposição a uma *first life*.

Nesse sentido, a midiatização que ocorre no ciberespaço, na narrativa antropológica de Sibilia (2009), possibilita a cultura de autobiografias instantâneas, que em especial com as ferramentas disponíveis para reprodução nas incontáveis multimídias cujas novidades pululam praticamente todos os dias.

Cada vez mais sofisticadas e hospedadas no ciberespaço, essas tecnologias permitem que os autobiografados se lancem como celebridades totalmente desconhecidas e praticamente sem feito significativo algum que seja um tropeção,

uma queda abrupta, um cochilo ou um descuido flagrante. Esse fenômeno acontece, grosso modo, porque as pessoas são autores, narradores e protagonistas das histórias contadas, nem sempre fieis ao mundo real. Assim:

> [...] que todos são convidados a confessar, a contar a sua história, a sua felicidade, a sua angústia, revelar a sua doença, a sua tragédia familiar, a sua orientação sexual, algum detalhe do cotidiano ou outra banalidade qualquer. Enfim, exibir o seu corpo e também a sua alma (Valadares, 2013, p. 58).

A corrida pela audiência é de tal maneira desesperada, que inclui situações inusitadas e muitas até constrangedoras ou perigosas. No entanto, as narrativas do início do texto possuem em comum, o espaço laboral – o lugar no qual acontecem. Em meados do mês de março de 2020, a notícia da pandemia provocada pelo COVID-19 trouxe uma correria inversa. Se antes todo o tempo era desesperadamente curto para os afazeres cotidianos e a trajetória entre a casa e o trabalho era contado em minutos e horas, agora

esse tempo passa a ser administrado entre o acordar e o cair dentro do mundo virtual, no qual as relações de amizade e, principalmente as de trabalho procuram de maneira inesperada, a coexistência sem conflito, ou pelo menos, com o menor impacto possível.

Dando continuidade ao ano, os dias têm passado como o inverno no Nordeste – verão com chuva e verão sem chuva, ou seja, dias divididos entre as horas dentro do mundo virtual e outras no mundo real, sendo que o mundo real acaba redundando no virtual. Confuso, como se sabe, mas plausível.

Ao receber a tarefa de registrar parte das emoções, conflitos e paradoxos enfrentados pelos profissionais em Educação, a melhor opção é não ser a voz, mas ouvir. Assim, um grupo convidado a tecer considerações, apresentou um coro de vozes muito distintas: alunos de pós-graduação [especializações, mestrados e doutorados], professores e gestores. Alguns em começo de carreira, outros esperando “completar o tempo”, mas igualmente empenhados, envolvidos e

conscientes de que não havia nada nas cartilhas, nos planejamentos e nem nos Projetos Pedagógicos de nenhum curso que preparasse alguém para essa realidade.

O outro lado dessa história é a realidade do aluno. Os salários baixos dos professores e as famílias com as rendas comprometidas não conseguem fazer frente às demandas do ensino a distância, remoto, ou mesmo híbrido. Mas a sala de aula não pode ficar vazia, conteúdos escolares precisam ser “vencidos”, projetos pedagógicos precisam urgentemente da prática e as pessoas também precisam trabalhar, os pais necessitam criar outra dinâmica para o ambiente doméstico e os professores adaptar os seus conteúdos programáticos para além do espaço físico das escolas, seja em qualquer nível, disciplina ou categoria. Desde o Ensino Fundamental primeiros anos até as robustas Pós-graduações, a situação exige fazer acontecer, enxergar as possibilidades, manter a segurança de todos e crer que o cuidado com a vida é a palavra de ordem. Nesse lugar, educadores e professores contam contos e falam

desse novo cotidiano que trouxe a sala de aula para dentro de casa.

Breves considerações

Raquel Miranda Carmona
Leandro de Almeida
Cícero de Sousa Lacerda[4]
Hercilio de Medeiros Sousa
João Carlos de Miranda e Silva[5]

A realidade da educação brasileira, além da precariedade de parte do ensino público fundamental e médio, sucateamento das IES federais e concorrência acirrada no ensino privado, são problemas aos quais foi somado um novo: o ensino remoto nos tempos de pandemia.

---

[4] Doutor em Meio Ambiente e Sustentabilidade (PRODEMA/UFPB), faz estágio pós-doutoral (PRODEMA/UFPB), coordenador de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário UNIESP.

[5] Químico industrial e graduado em Matemática, docente no Ensino Médio e Superior. Mestre em Meio Ambiente (PRODEMA/UFPB).

Nem híbrido e nem EAD, remoto significa, nesse contexto, que pais e alunos tiveram que participar de uma atividade a distância, porque o contrato de prestação de serviço, assinado entre a escola e os responsáveis pela educação prevê o ensino presencial, portanto até o Ministério da Educação emitir nota ou parecer de reconhecimento de uma modalidade híbrida ou EAD, caso a caso, as aulas continuam em tempos de isolamento social de maneira remota.

Nunca se ouviu falar tanto em sala de aula invertida (*flipped classroom*) – conceito híbrido para educação em modelo presencial e EAD;, *chats*; ambientes virtuais e plataformas digitais especializadas em educação nunca estiveram tanto na moda. Portanto, a todo o esforço dessa organização está voltado para apresentar esse novo mundo virtual que descortinou a vida real de professores e alunos.

Em algum lugar um conto faz o prenúncio desse isolamento social cuja comunicação possível é por meio da *internet.* Escrito bem antes da pandemia que é a nossa realidade, a autora

mostra com leveza o caos instalado no espaço doméstico que passou a ser palco de todo cenário global.

Outra escrita chega precedida por um bilhete (fica certo que *e-mail curtinho,* assim como as mensagens no *whatsapp* são os novos bilhetes, sim?), o autor carinhosamente fala:

> Há um poema anônimo e sem título de um monge irlandês que escreveu, muito provavelmente em uma noite entediante, na margem de um manuscrito de glosas com trechos da Eneida, um poema pro seu gato Pangur Bán. Sempre amei, pensei que poderia fazer algo nos mesmos moldes.

É uma situação inusitada para quem passa horas revisando, formatando e normalizando textos acadêmicos, de repente, recebe um conto cuja protagonista é uma gata cheia de autoestima e que relata o quão trabalhosa é a vida doméstica para quem tem que lidar com humanos cheios de vontades.

Uma atração cheia de mistério, narrativas místicas e mágicas que vem do Oriente com firme

propósito de distrair adultos e crianças (o COVID-19, também veio de lá, infelizmente...) é uma tradição de um parque de diversões que há muito habita a imaginação de milhares de espectadores. O cenário é a Festa das Neves que anima o aniversário da capital paraibana, mas pode ser em qualquer outra cidade brasileira, basta ter coragem.

Noutro lugar uma fala poética pungente lembra que pandemia significa viver apesar das dores e das cores. Que alguns se foram e, que independentemente de idade, classe social ou qualquer outro indicador a morte, ainda que eufemizada numa poesia, é democrática, vem para todos.

Por fim, a leitura do cotidiano dos atores sociais que estão representados seu discurso na primeira pessoa convida a ser ouvido.

Ouça você também. Boa leitura!!!!

Mandalas

Regina Behar[6]

Ontem foi um dia muito maluco. Perdi de uma vez todas as minhas chaves. O mesmo aconteceu com meus vizinhos e parece que com a cidade inteira. Quem estava dentro ficou dentro, quem estava fora ficou fora. Os carros nos estacionamentos. As casas e escolas cheias de crianças apavoradas. As pessoas andam feito loucas em busca de chaveiros que parecem encantados. Ou saíram para atender a chamados ou ainda não voltaram.

Fiquei presa na minha sala e a única coisa a fazer era acessar a Internet e tentar comunicar-me, pois o celular descarregou após umas tantas ligações e o fixo ficou mudo de repente. Espero que o ar condicionado aguente e que alguém

[6] Historiadora (UFPB), doutorado em Ciências da Comunicação (USP) e Pós-doutorado em Informação e Cultura (ECA-USP). Docente e pesquisadora na área de História do Brasil Republicano principalmente em temas referentes à história e cinema, história e quadrinhos, linguagens e ensino de história.

descubra um chaveiro antes que eu morra de fome. Ainda bem que encontrei biscoitos, café, leite em pó e o garrafão de água está cheio. Estou aqui desde ontem.

Passei muitos e-mails e recebi outros tantos. Parece que o desaparecimento das chaves tornou-se um problema mundial. Começou repentinamente em Pequim e de lá se espalhou. Em algumas horas chegou à América do Sul como um vírus galopante ou uma katrina. Tudo que pude descobrir nos 260 dos 800 sites já disponíveis sobre a questão é que não há dados conclusivos.

Teses apocalípticas, espalhadas aos quatro cantos anunciam o fim do mundo nas próximas 72 horas. O bispo de algum lugar na Bahia resolveu fazer greve de fome até que devolvam a chave da igreja e estendeu-se na escadaria com meia dúzia de fieis seguidores que o observam comendo chocolates. Dizem que o fotógrafo que publicou a foto na Internet enlouqueceu de repente e atirou-se no rio São. Francisco.

Também li num site esotérico que tudo isso fora previsto por Nostradamus e que faz parte do plano de purificação do planeta. Deve ser verdade, porque os jornais americanos anunciam que o presidente ficou preso num banheiro da Casa Branca e morreu sufocado pelos odores há umas três horas. O banheiro era blindado e não conseguiram arrombá-lo.

Um vidente que mora na floresta amazônica e que não corta os cabelos e unhas há muitos anos confirmou a história da purificação e disse que as chaves continuarão desaparecidas pelos próximos trinta dias. Anunciou, ainda, que se os sobreviventes dessa catástrofe não se arrependerem de seus pecados daqui a dois anos o mundo vai acabar, conforme profecia inédita dele próprio.

Os estatísticos anunciam que em decorrência do desaparecimento das chaves e dos chaveiros, uma empresa quebrará a cada quinze minutos e as bolsas do mundo inteiro estão desabando mais rápido que no crack de 1929. Calcula-se que nas próximas 24 horas a crise do

capitalismo será irreversível. Isso sim é revolução! E por falar nisso, li num site espírita que Marx psicografou um manifesto numa reunião em Lion, já traduzida para 200 línguas e dialetos, no qual exorta os comunistas a reorganizarem os *soviets*.

Quando fico muito cansada, junto umas cadeiras e tiro uns cochilos rápidos. Sonho sistematicamente com mandalas enormes, feitas de doces de todos os tipos. Parece que estou perdida dentro das mandalas e o único jeito de sair é construir uma linha reta destruindo as paredes em frente. Não consigo resistir à tentação e vou comendo os pedaços de parede. Quando acordo parece que tenho o estomago cheio e lembro do profeta amazonense. Então peço perdão a Deus, faço minhas orações, tomo um cafezinho e volto para a Internet. Deus me livre de me sentir culpada pelo fim do mundo!

As horas de Mangaba

Pablo Gomes de Miranda[7]

Os primeiros raios de sol do dia adentravam o quarto no momento em que Mangaba pulava do chão para a cama. Magra, tímida, de pelagem curta, tricolor e com uma mancha preta no focinho que lhe dava ares de estadista, Mangaba ronronava na cama, esperando que alguém acordasse para lhe dar comida, só assim ela poderia voltar a descansar e permitir que os outros moradores do apartamento iniciassem o dia. Ela voltaria a repousar, claro, e, apesar de todos estarem dormindo mais e mais em horários esquisitos com os barulhos da reforma do vizinho de cima, não era possível de fato descansar por muito tempo, de modo que ela queria comer e se deitar antes que a barulheira recomeçasse.

[7] Historiador (UFPB), especialista em História Medieval, Mestre em história (UFRN) e doutorando em Ciências das Religiões (PPGCR/CE/UFPB).

Contudo, o vizinho de cima não dava trégua já fazia semanas, e as batidas recomeçaram tão logo o dia se iniciou. As outras moradoras que dividiam o apartamento com Mangaba tinham profundas olheiras e se levantaram resmungando. Fazia meses que passavam mais e mais tempo em casa, e quando se ausentavam, usualmente através da porta da sala, voltavam rapidamente com sacolas (que Mangaba amava horrores) com mais ares de preocupação. Ela não ligava muito em dividir o espaço, e tentava alegrar o espaço como podia, ainda que sua graça fosse incompreendida pelas outras moradoras do mesmo lar.

Pois ela, como toda boa felina, era uma artista incompreendida (arguta, de bom gosto e com ares quase aristocráticos, a despeito de seu bigode de estadista). Grata pela comida e pelo convite para habitar naquele distinto palácio, retribuía a gentileza como podia, se a sua mera presença não fosse o suficiente, e os resmungos ocasionais que ouvia parecia sugerir que era esse

o caso, presentes carinhosos e gestos de afeição deveriam bastar.

Se a moça de cabelos longos e escuros passava horas em frente ao computador, Mangaba saltava para a mesa e iria conferir se aquele conteúdo era de qualidade. Se fosse algo bom, ela iria aprovar silenciosamente. Se as letras que apareciam na tela não fossem boas, Mangaba sentaria no teclado, expressando o melhor possível que a mulher deveria parar, se afastar um pouco, respirar cinco minutos e talvez lhe distribuir alguns afagos como gratidão.

Nem sempre a mensagem era clara, óbvio. Pois a moça, não sendo versada nas nobres artes dos miados felinos, tinha o costume de ralhar com esta paciente artista, lhe colocando no chão repetida vezes, até que a moça de cabelos curtos aparecesse no quarto, reclamando do barulho e expulsasse a digna gata do espaço. Enxotada para a sala ou para a cozinha, Mangaba estaria com o orgulho ferido por algumas horas, mais por ser pouco apreciada pelas companheiras e menos pela incompreensão de seu comportamento. Não

é como se todos tivessem a capacidade de aceitar suas sugestões críticas. A moça de cabelo curto, na sala, gritava para um aparelho telefônico, olhando para as imagens de outras pessoas, enquanto digitava algo apressadamente no computador e fumava um cigarro.

A moça de cabelo curto era muito afetuosa e foi quem carregou Mangaba para casa nos braços, lhe cobrindo de beijos, enquanto segurava a mão da moça de cabelos longos que dirigiu o carro aos risos em direção a um novo lar. Mas, com toda essa sensibilidade, também vinham as reclamações, com certeza alimentadas pela estafa e o cansaço. Poucas horas de sono, muita cafeína, nicotina, e o vizinho do andar superior martelando algo por horas à fio. Uma fina nuvem de fumaça já se acumulava ao redor dessa moça e a gata sabia perfeitamente como fazer as pazes: ao se enroscar nas pernas da mulher, Mangaba ronronava satisfeita, pois esse gesto era sempre bem apreciado e foi. Mas a paz durava poucas horas, pois logo as duas moças começariam a

discutir alto, competindo com o barulho do vizinho.

A gata dormia em cima de um guarda-roupa, seu refúgio ao cair da tarde e quando finalmente os barulhos começavam a diminuir. Rolando por horas e se encolhendo como podia, Mangaba pensava em uma solução para essas aflições e acordou de vez com os soluços. Alerta! Os soluços eram os sinais absolutos de que seus dotes eram necessários ao máximo. Diferente dos gemidos, quando batiam a porta do quarto na sua cara, os soluços indicavam o que havia de pior no dia, e a porta deixada aberta quase sempre revelava que cada uma das moças estaria em um canto do cômodo olhando para o alto ou para o lado, em lágrimas. E esses momentos já se repetiam quase que diariamente.

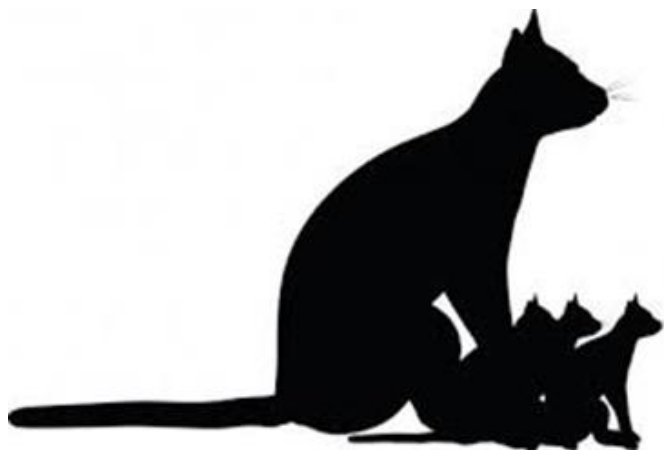
Mangaba subiu na mesa da moça de cabelos longos, o computador estava abaixado e toda a papelada ainda esparramada por ali. Uma xícara de café já frio repousava no canto da mesa, próximo ao mouse. Em cima do computador ela quebrou o silêncio com uma série de miados

baixos e piscadelas longas. Quando os suspiros delas começaram e logo se tornaram risos baixos, a felina sabia que seu trabalho estava feito. Se não lhe apreciavam como artista e crítica, lhe apreciariam como mediadora, uma quase juíza de paz.

Observou as duas moças se abraçarem, falarem baixinho no ouvido uma da outra e darem um beijo longo. O dia terminava e o céu aos poucos se escurecia. Satisfeita com o desempenho de suas funções a gata ainda estava sentada esperando pela sua janta, mas nenhuma das companheiras de apartamento parecia ter pressa em se afastar dali.

Enfim, a paz havia sido restaurada e em pouco tempo gargalhadas seriam escutadas ali. Não importava, realmente, quanto tempo levaria, a gata era paciente e seria recompensada de maneira majestática – como bem merecia, ora! Assim, iria deixá-las em paz? Iria. Mas, antes de saltar dali, não pode deixar de notar, mais uma vez, a xícara de café na borda da mesa. Um café frio e amargo, que com certeza a moça de cabelos

escuros deveria lembrar-se de trocar, se quisesse terminar os seus escritos de maneira agradável. Bem, o que seriam delas sem, novamente, a argúcia, o bom gosto e os ares quase aristocráticos desta gata bigoduda?

Firme em seu propósito de lutar pelo bem-estar de todos, crente no bem maior de suas ações, Mangaba derrubou a xícara de café com uma patada e pulou quarto afora, feliz e sem ouvir os protestos. Elas sempre iriam protestar, mas Mangaba sabia o que era melhor para todas.

O Milagre da Metamorfose Humana[8] [9]

Ângelo Emílio Pessoa[10]

Chegue distinto público, venha ver. É o milagre da metamorfose humana!!! Diana a moça-vampiro, a moça que vira macaco. Há dois mil anos, na China, um sábio profetizou que haveria uma moça que viraria vampiro, que viraria macaco. Diana, a moça-vampiro, a moça que vira macaco!!!

Era mais ou menos assim, ou pelo menos era assim, se a memória não me trai, e tudo aqui depende dela, que um empolgado locutor se esgoelava num alto-falante, em frente a uma espécie de casinha-caixote de madeira e metal bem mambembe, na qual se exibia o portentoso

---

[8] Esse texto faz parte da coletânea do blog Diatomáceas da lagoa" de Ângelo Emílio Pessoa, historiador (Departamento de História/UFPB). Cf. Diatomáceas da Lagoa -Desde os anos 80 pensava em criar um jornaleco com esse nome. Destinado a ideias ociosas para horas preguiçosas. Disponível em: http://diatomaceasdalagoa.blogspot.com/2012/08/o-milagre-da-metamorfose-humana.html?m=1

[9] [N.A.] Em homenagem a Seu Jayme, meu pai, que hoje completa 88 anos e que já participou de muitas e muitas Festas das Neves.

[10] Doutor em História Social (USP); Professor Associado do Departamento de História da UFPB. Professor Permanente do PPGH-UFPB, Doutor em História Social (USP).

espetáculo da transformação de uma bela jovem em horripilantes monstruosidades. Isso lá pelo final dos anos 70.

Ainda perseguindo os equívocos fios da memória, me lembro de que havia três moças-macaco distintas na Festa das Neves: Diana, a mais “rica” e sofisticada; Samira, a “classe-média”; e Monga, a representante da “bagaceira”. Todas elas repetiam cotidianamente o tal milagre. Sentado em banquinhos ou cadeiras, o distinto público aguardava com sentimentos bastante distintos o espetáculo. Para alguns a mofa, para outros o medo, para todos, a diversão garantida e o direito de boas histórias para contar no dia seguinte.

A primeira vez na qual presenciei o tal “milagre”, deveria ter uns 7 ou 8 anos e estava com meus dois irmãos mais velhos. Era um desses caixotes na lateral do Palácio do Bispo, próximo da Padaria Flor das Neves. Para uma criançola meio bobinha daqueles idos, era pânico garantido. Com irmãos mais velhos, no seu devido papel de acrescentar detalhes escabrosos, a coisa

ficava ainda pior. Confesso envergonhado, que fugi covardemente frente à “verdade” que se impunha à minha percepção infantil. Era verdade, o medo era uma experiência bem concreta e palpável. O negócio era sebo nas canelas e nunca mais pisar ali.

No ano seguinte, mais “experiente” e cheio de coragem, estava lá, na primeira fila, desafiando o monstro que insistia em fugir da jaula e não machucar ninguém, apenas em dar um susto em crianças bestinhas ou adultos mais crédulos. No dia seguinte, no Pio X, caprichei na jactância dos meus feitos, especialmente para aqueles colegas que eu sabia que nunca tinham pisado naquele templo de horrores.

Passaram-se os anos e as festas e eu e alguns colegas voltamos várias vezes. Numa delas, promovemos tal algazarra, que o diretor de cena nos expulsou do espetáculo para garantir o ambiente familiar. Juntamos esse glorioso feito a uma outra expulsão, não sei se do Plaza ou do Municipal, por bagunça generalizada no clássico

“Costinha, o homem de seis milhões de cruzeiros”, obra prima de nossa cinematografia.

Literalmente inenarrável era a luta de titãs entre o diretor e o vampiro, que gritavam ensandecidos:

– Sangue, eu quero sangue...

– Não Drácula, não Drácula...

– Sangue, eu quero sangue... Vem cá mocinha [uma moçoila qualquer da plateia embasbacada] me dá teu pescoço que eu quero chupar teu sangue...

– Não Drácula, não Drácula... Eu vou mostrar a Cruz...

– A Cruz não Professor, a Cruz não... [com voz em estertores de sofrimento].

E o vampiro caía em torpor profundo, revertendo à condição da ingênua mocinha.

Mas, a melhor parte era numa das passagens da metamorfose do macaco, acho que a própria Monga, na qual o tal professor, munido de um sofisticado cabo de vassoura, espancava alucinado uma lata, enquanto o gorila esbatia

furibundo contra as grades. O professor urrava a plenos pulmões:

– Calma Bob, calma Bob...

Em paroxismo, o macacão quebrava a jaula de “aço reforçado”, enquanto o professor o enfrentava corajosamente com o pedaço de pau (talvez munido de um laser estroboscópico ou kriptonita dos anéis de Saturno), remetendo Bob mansamente de volta ao seu recanto, de onde se faria a transformação da forma simiesca à condição humana.

O melhor de tudo é que nosso exigente Professor de Matemática era conhecido como Bob, o que nos garantia um bônus adicional de atazanar o cara com o deslavado cinismo de provocar com um “calma Bob” pelos dias que se seguiam. E já corria aquele movimentado início dos anos 80.

Depois de uns vinte e tantos anos, numa aula, me veio uma ideia maluca de associar uma discussão teórica sobre realidade e representação à metáfora do jogo de espelhos e luzes da mulher que vira macaco. Confesso que assistir ao

espetáculo é um programa bem mais ajuizado e divertido.

No último sábado, após três décadas, voltei a ver o milagre da metamorfose humana. Diana e Samira se aposentaram. Monga continua sempre nova. Meio pós-moderna. Com mais produção e sofisticação, todos em pé, a coisa mais acelerada. Ela cumpre seu ofício com bastante assiduidade em escala quase industrial. Não falha, está lá, o milagre. Continua sendo verdade. A verdade da festividade popular e profana, que marca o aniversário da nossa cidade, ao lado das comemorações religiosas de Nossa Senhora das Neves, que têm convivido às boas ou às turras por uns dois séculos e que foi descrita por um escandalizado missionário protestante que por aqui passou no distante ano de 1839 e sobre o qual escrevemos em outro lugar. Também a verdade do milagre da metamorfose humana, uma vez que nossa espécie possui a sutil e contraditória qualidade de mudar e continuar igual a si própria ao longo do tempo.

Fala-se que a Festa das Neves não é mais a mesma. É certo, muita coisa mudou, e não apenas na festa. As formas de sociabilidade de nossa cidade não são mais as mesmas. Os tipos de segregação social já não atuam do mesmo jeito. Monga não está lá para nossas pretensas elites, estas estão bem resguardadas em seus guetos, mas continua bravamente lutando pelo pão cotidiano de sua equipe e para a diversão do povo que participa animadamente das festividades profanas que vêm se repetindo ano a ano na nossa cidade e que são marcadas pela permanência e transformação que fazem parte do sempre controverso tempo da história.

João Pessoa, 6 de agosto de 2012
[segunda-feira].

A Coroa e o Coroado

Antônio Aurélio Cassiano de Andrade[11]

"I'm easy like Sunday morning"
(Lionel Richie)

Aparentemente nada mais simples e igual do que o nascer do sol a cada manhã. Há milhões de anos esse espetáculo se repete com a mesma precisão e aparente beleza, porém, nenhum, jamais foi igual. Acontece nos mais variados momentos e nos mais diferentes locais da terra sob as mais diversas condições e, sobretudo, sob os mais plurais e incríveis olhares, ou ainda, sob a escuridão dos olhos que dormem, que estão ausentes, que não o podem ver...

O nascer e morrer de cada dia, repetindo-se *ad infinitum* empresta uma naturalidade ao nosso ritmo de fazer as coisas, de amar ou detestar as pessoas, de sermos bons ou maus, de

---

[11] Licenciado em História (UFPB), poeta com dois livros Publicados, editor da Revista Triunfo em Foco; ocupou as Secretarias de Cultura, Turismo e Agricultura no Município de Triunfo e atua na Secretaria de Educação do Município .

chorarmos ou rirmos, até envelhecer, se assim o for... Caso não, nem notamos. Mas tudo isso é o ritmo normal, que às vezes, por circunstâncias, é quebrado por um acidente grave, que arrebata muitas vidas de uma só vez... Nos abate, nos consterna, vira matéria de jornal. Choca!

Esses eventos circunstanciais sempre costumam nos lembrar da nossa fragilidade interna: Somos belos, mas somos de vidro, há o perigo da queda, e dependendo dela, a fratura pode ser fatal e não nos colarão de novo... E tudo isso se passa no suave plano do cotidiano, que cuida de nos revelar a dor das perdas, mas com a leveza das doses quase que homeopática... Enterramos um a cada vez, salvo raríssimas exceções.

Um mundo lindo, promissor, colorido, 5G, 4K e outras peripécias mais, de repente é sacudido pela realidade de que não só os famintos que, morrem todos os dias, aos milhões, pela falta da comida de quem a tem e a deitou no lixo. A realidade de que a morte mostra sua cara com desejo de coletividade, foice única,

democrática! É mais dramático quando todos, indistintamente, estão acuados.

E Eis o Corona!

A Coroa, ou o coroado?

Nada voltará ao normal, porque nunca deixou de ser: quando se controlar esse menino mimado, cheio de personalidade e querer, voltaremos para o playground e contaremos das lembranças dos nossos amados que ele levou, a não ser que sejamos um dos com quem ele quis brincar, riu pra gente e disse: Tu se esconde e eu procuro.

Uma “gripezinha” - entre o medo e a ignorância

Cassiano Augusto Oliveira da Silva[12]

A relação entre humanidade e o meio ambiente vem se arrastando “aos trancos e barrancos” e parte disto é decorrente do uso irracional dos recursos do meio ambiente por parte do ser humano.

Do Twitter, fevereiro de 2020, “A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional”. Parte da população se via em pânico e outra parte desprezou a importante emergência internacional a tendo como uma gripezinha. Do Portal G1, “Primeiro caso de Covid confirmado no Brasil”.

---

[12] Mestre em Ciências das Religiões na área de Espiritualidade e Saúde. É Enfermeiro auditor da Secretaria de Saúde da Paraíba.

Transcursando, em meado de março de 2020, como uma lança que entra na história, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia e no cenário de medo e desconhecimento um dos grupos de artistas éramos nós, profissionais de saúde, que esperávamos as novidades das publicações nacionais e internacionais para que pudéssemos ter uma noção de como agir.

Complicando a situação, trabalhávamos como controlador de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde na Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba, o que de certo modo ajudou, mas ao mesmo tempo potencializou o mal em nossas mãos.

A Covid-19 até então era doença desconhecida e a única orientação que se tinha, aliás, era que deveríamos usar os equipamentos de proteção individual e higienizar de forma rigorosa as mãos. Diante de nós imperava apenas o medo de cuidar daqueles que estavam chegando nos hospitais e deixando suas vidas no leito frio de uma Unidade de Terapia Intensiva.

“Eita” - nossos pais, octagenários, ficavam em casa e lá vem mais uma preocupação.

Entretanto, esse medo que nos imergia em um poço lodoso era também a motivação para que desempenhássemos muito bem o pouco que se sabia da enfermidade pandêmica. El País, setembro de 2020, “Covid-19 mata um milhão de pessoas no mundo, sendo mais de um terço nas Américas. Brasil registra mais de 142.000 mortes pelo novo coronavírus. OMS lamenta tragédia, mas diz que vírus pode ser ‘suprimível’".

O tempo passava como um sopro e muitos últimos suspiros foram levados por ele, os corredores eram como horizontes que não tinham fim e para lá iam nossos pacientes, apenas iam. Vacina de origem Chinesa; vacina produzida na Rússia e outra por Oxford, certeza nada se tinha, mas o esforço era mundial. Confiávamos no empenho e no potencial do ser racional. Este quando não quer destruir, ele sabe muito bem como preservar, principalmente quando afeta danosamente a si e aos seus.

Ainda estávamos na pandemia, cansados, alguns com danos psicológicos outros estafados e desiludidos com a vida e com a profissão, trabalhar na linha de frente do Covid não era algo fácil. Em meio a toda dor, ainda figuravam as às ações políticas para maquiar os danos da pandemia no Brasil. Diz-se que neste dia, 29/09/2020, como uma bandeira que carrega em sua heráldica os brasileiros, éramos 4.084.182 casos de Covid recuperados.

Como um homem que chorou, críamos no amanhã!

Minha vida acadêmica e profissional na pandemia

Erika Patrícia Ferreira Bruns[13]

De repente chegou a notícia de uma pandemia e uma determinação de parar. Parar tudo e, eu parei. Durante as duas primeiras semanas eu achava que deveria ficar em casa esperando o tempo passar assim fiz. Acordava ouvia e via os relatos de infectados que só crescia e me impressionava com o acontecido. Mas, com energia e a vontade de aprender e a multiplicidade de opções que a *internet* dá, eu logo vi que poderia assistir as *lives* e me capacitar e em seguida fui igualmente convidada para fazer *lives* e compartilhar meus conhecimentos.

Também aproveitei o tempo para pesquisar, escrever e me aprofundar em assuntos que tinha curiosidade. Ler todos aqueles artigos que havia salvado em uma pasta com o título de "a ser lido" e até vi que alguns estavam na

---

[13] Advogada criminalista, professora na área de Direito Penal, escritora, é acadêmica na UCES/Ciencias Criminales (Argentina)

condição de espera por tanto tempo, que a leitura já podia ser descartada, uma vez que se encontravam ultrapassados e novas discussões tinham superado.

Com o mundo jurídico estagnado, me achei com tempo livre para preencher os espaços vazios entre os títulos de capítulos de uma obra que era o meu novo desafio por se tratar de assunto pouco abordado em livros e doutrinas e que envolve entre outras áreas a de Direito e de Psicologia.

Assim, consegui avançar meu projeto em tempo razoável, com uma perspectiva de breve publicação. Ainda experimentei um módulo de mestrado *on-line*, enfrentando as flutuações da *internet*, com aulas em outro idioma e a responsabilidade de confeccionar um pré-projeto. Confesso que ao final deste período estava esgotada, uma vez que esta atividade estava aliada a todas as outras que faziam parte da minha rotina.

Passados longos 60 dias do início da pandemia, o mundo jurídico começou a

efervescer e já não era mais possível ficar inerte. Ainda mais na área criminal, que trata de um bem tão importante como a liberdade. Então se deu início a migração dos processos físicos para virtuais, o que possibilitou o acesso de todos os operadores do direito ao feito, onde quer que estejam. Assim a viabilidade de audiência foi surgindo e com ela a possibilidade de concessão de liberdade. Ah essa tal liberdade desejada por tantos. O preso, a família o advogado todos em luta pela liberdade. E, felizmente apesar da pandemia, muitos casos foram apreciados e muitos alvarás expedidos.

Com tudo o que a internet possibilita, a vida acadêmica e profissional seguiu e ouso dizer até que possibilitou contatos virtuais antes inexistentes. O que me faltou foi contato, foi abraço, foi um cheiro e um aconchego das pessoas que amo e estavam longe.

Emoções na pandemia

Fabiana Juvêncio Aguiar Donato [14]
Fabienne Louise Juvêncio Paes de Andrade[15]

Aos dezenove de março do ano de 2020 fomos tomados pela incerteza! A suspensão das aulas presenciais, nesse momento, decidido através de decreto paralisando uma comunidade escolar, enquanto os casos de infecção pelo COVID-19 elevavam-se mundialmente, O que fazer? O coronavírus tornou-se o vilão do ano.

Nós, professores tivemos que nos reinventar, reaprender e transformar nossas aulas remotas em dois segundos... Para que pudéssemos continuar em nossa lida! Aprender que a tecnologia aproxima as pessoas de maneira positiva e com a positividade se aliar ao "NOVO NORMAL". O Novo acompanhado do isolamento social apresentou a Educação uma árdua transformação de renovação, reinvenção e o desafio

---

[14] Graduada em Direito (UNIESP) e Letras (CESMAC/AL), Especialista em Psicopedagogia Institucional (UNIESP), Especialista em políticas públicas em Educação (CINTEP) e especialista em psicologia positiva (CINTEP) Mestre em Educação(UHLT/PT), vice-diretora institucional.

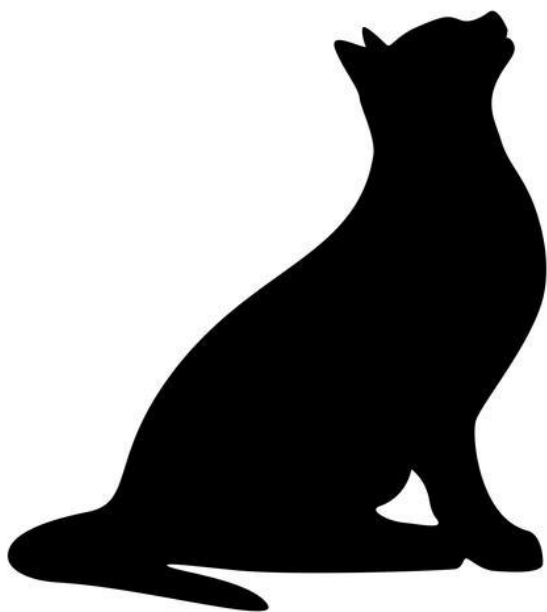
[15] Graduada em Fisioterapia, Especialista em Saúde Coletiva (CINTEP), Mestre em Fisioterapia (UFRN), Doutora em Saúde Coletiva (UFRN), Fisioterapeuta do Hospital Universitário Lauro Wanderley- HULW.

de produz vídeos, *Google classroom, Team Link, Webex Meet* e por aí vai... A nova rotina de trabalho ainda em fase de adaptação nos encheu com uma grande inquietude, ansiedade e medo, pois, também foi perdida a privacidade, em especial quando a nossa sala de aula foi transportada para nossa casa e reuniu todos os alunos, com nossa família, bichos de estimação e os agregados ao nosso lar. Difícil missão!!

O contraste da certeza se fez presente a todo o momento. Como lidar com o "novo normal"? Nós professores, em limite de *stress* precisamos entender porque nada foi feito para apoiar a Educação, seus professores ou os profissionais da Educação além de uma cobrança contínua e efetiva para retornar as aulas presenciais. A retomada das aulas presenciais, híbridas, ou seja, lá de qual maneira, o professor em tempo de pandemia obteve uma cobrança imensurável social, institucional e pessoal. Competição em equipe, excesso de exigência, alunos evasivos, e o docente reaprendendo, tornando-se um *youtuber*, pois, foi preciso editar seus vídeos sozinhos ou com ajuda de amigos com tamanha criatividade para despertar o interesse dos alunos para assistir suas aulas ainda na incerteza que o seu emprego seria mantido ou não. Vários desempregados em função do COVID-19.

Há alguns meses houve um reconhecimento social transformando a EDUCAÇÃO em serviço essencial pela comoção dos pais que assumiram o seu verdadeiro papel, educação dos filhos, acompanhamento nas atividades escolares e permanecer com suas crias mais tempo do que pretendiam, mas, precisamos evidenciar que sempre fomos essenciais na transformação do cidadão. Entretanto, neste difícil momento que nos encontramos, fomos também, preenchidos com a certeza de que somos profissionais de ponta, adaptáveis, fortes, criativos e com uma imensurável gana em superação.

Aduz assim que, o processo de ensino aprendizagem, ministrado com aulas remotas e com a possibilidade de transformação para a modalidade híbrida demonstrada através das dificuldades apresentadas no percurso de nosso novo cotidiano, nada foi perdido porque a nossa vontade em vencer o medo e com o grande objetivo em contribuir com nossos alunos na superação de todo esse momento de incerteza foi considerado de extremo fortalecimento, maior do que todas às adversidades apresentadas, ora pela legislação que em obediência aos princípios sanitários isolou a todos, ora pela necessidade institucional de criar novas dinâmicas para dar

continuidade ao ano letivo e atender as demandas da comunidade escolar. Foi entendido, imprescindível, para a Educação que o Professor pode ser terminante: a profissão do presente, passado e futuro como das mais importante para todos os profissionais responsáveis pelo futuro de uma nação!

Cada aula e cada turma são experiências de superação

Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti[16]

Era 16 de março de 2020 quando por mais que não acreditasse, recebi a notícia sobre a suspensão das aulas presencias e que tínhamos que nos preparar para ministrar nossas aulas num formato remoto. Isso causou uma mistura de sentimentos que hoje entendo que essa pandemia do coranavirus chegou feito um furacão na nossa mente, descontruindo tudo e que em instantes tinha que reconstruir tudo, pois meus alunos estavam à espera de uma solução.

Ao mesmo tempo eu estava em desespero, com medo de tudo, medo de faltar remédios, faltar comida, pegar o vírus, logo eu que sou potencialmente pessoa pertencente a grupo de risco, minha família que eu não queria perder,

---

[16] Mestre em Ciências das Religiões (UFPB), Doutoranda em CR (UFPB), professora universitária e coordenadora do Núcleo de Práticas Integrativas do UNIESP (NUPICS).

mas enfim, eu tinha que me reinventar e seguir com meus alunos e alunas.

Foi necessário pensar em ajustes e saídas urgentes para aprender a lidar com tecnologias para realizar aulas virtuais, preparar um discurso que motivasse meus alunos e não deixasse que eles tivessem medo e sim que seguissem junto comigo nessa jornada. E assim, em uma semana já estava eu lá, ministrando minhas primeiras aulas, reformulei todo o planejamento e adequei meu material para novos cenários.

O mais interessante foi viver cada aula, cada turma como uma experiência rica de superação, os primeiros dias pareciam que estava instalado um grau de estrese tão intenso que meu corpo tremia em alguns momentos, às vezes as lágrimas surgiam no rosto ao ouvir os depoimentos dos meus alunos, quando afirmavam que estavam surpresos como estava dando certo, pois a explicação dos conteúdos e que os ensinamentos de vida que a situação trazia nos fortaleceu para concluir o semestre 2020.1

Com o passar do tempo, fomos percebendo que havia acontecido uma mudança gigantesca em nosso modo de ensinar, acredito que não professor ou professora que não sofreu esse processo de mudança, percebe-se que a distância causada pelo isolamento social trouxe outro tipo de aproximação, que os conteúdos ministrados precisam nos aproximar como personagens principais de cada temática e que temos que cuidar muito de nós mesmo e dos outros.

É inevitável dizer que para minha experiência, o fator emocional foi extremamente abalado nesses seis meses de pandemia, ainda sinto receio de várias coisas, ainda tenho que trabalhar intensamente, recriando meus conceitos e interesses, tendo que lembrar que minha casa não é lugar só de trabalho e conseguir partilhar tudo dentro de uma harmonia de realizações. Entretanto, sinto satisfação em ver que apesar de todos os transtornos naturais causados por esse isolamento social, na minha tarefa de Professora, no cumprimento de missão de contribuir com a Educação, deu e está dando

certo, minhas aulas são realizadas ativamente, escuto e leio a interação e integração das turmas, e que o nível de aprendizagem tem se mantido.
Também vejo isso com meus colegas de trabalho, o semestre 2020.2 está em pleno andamento, estamos vencendo a cada dia. Orgulho-me de fazer parte dessa história. Lutar pela Educação sempre será a grande missão de um professor e de uma professora.

Academia e isolamento social

João Florindo Batista Segundo[17]

Nestes tempos de pandemia, muitas pessoas se foram inesperadamente, deixando para trás parentes consternados pela perda irreparável. Infelizmente, alguns até se contaminaram porque não acreditaram que o poder letal do vírus fosse real. Com o isolamento social obrigatório, muitos que antes interagiam apenas pelas redes sociais passaram a protestar pelo direito de passear.

Para quem pode parar, é uma oportunidade de repensar valores, objetivos e modo de vida: nos últimos meses quantas diversões fugazes deixamos de lado, quantas compras desnecessárias não fizemos... e ainda assim cá estamos. Para quem aprendeu a viver sem sofrer pela ausência desses bens e serviços dispensáveis, parabéns!

---

17 Doutorando em Ciências das Religiões (PPG-CR / UFPB), Mestre em Ciências das Religiões (PPG-CR/ UFPB), Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (UFCG), membro do Grupo de Pesquisa Videlicet – UFPB. E-mail: jf.segundo@gmail.com.

Dar um abraço nos pais, ou visitar os parentes e amigos – atos antes desimportantes ou deixados para depois – para quem refletiu a respeito, hoje são aguardados com ansiedade nessa quarentena para lá de quarenta. E para aqueles que orbitam em torno da academia, a pandemia não deixou de trazer seus impactos: *lives, chats*, videoaulas, atividades síncronas e assíncronas. Mesmo os mais resistentes tiveram que se adaptar a essas novas tecnologias educacionais, terminologias e ao atual modo de ministrar e assistir aula. Porém, entendemos que nada supera as interações humanas presenciais, onde as emoções e o diálogo levam a um ambiente de maior criatividade e impulso do compartilhamento de saberes e da produção do conhecimento. Até a volta da normalidade, teremos que nos habituar com o "novo normal" e exercitar a paciência, o cuidar de si e do outro, a escuta ativa do corpo, a manutenção dos laços e mais do que nunca o cultivo de uma espiritualidade (religiosa ou não) e a reflexão diária sobre o que realmente vale a pena: viver!

O ensino em tempos de pandemia

Leandro de Almeida

A utilização do uso das tecnologias de informação [tic] durante esse momento que estamos vivendo surge como suporte no cotidiano da escola, nesse contexto cercado de tantas incertezas ela contribui como uma ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem. É importante destacar aqui que embora eu já trabalhasse no ensino a distância, a pandemia me fez refletir sobre a importância da informática na educação e colocarmos em pratica aquilo que já sabemos como nossos alunos.

Pude perceber que alguns alunos já possuem algumas noções de algumas ferramentas para a utilização do computador, mas que nesse momento estão colocando em prática, outros só sabem utilizar para o uso das redes sociais, sem contar também que temos muitos alunos que ainda não tem acesso, nesse caso o estado aqui em Mato Grosso na educação

básica adotou a apostila impressa que também acabada sendo uma tecnologia.

Há muito tempo a informática vem ganhando espaços na sociedade e principalmente nos ambientes escolares, mas o que sempre me preocupou em relação aos alunos é a falta de acesso aos equipamentos, a falta de conhecimentos de programas de internet. Percebo que durante as aulas foram surgindo muitas dúvidas, mas com o passar do tempo das aulas foram sendo tiradas por nos professores. Acredito que após a pandemia nos professores iremos utilizar mais esse importante recurso que temos em nossas mãos e também a nossa disposição, que é o laboratório de informática da escola.

Como dizia Belloni (2002, p. 15.) se fazemos parte do espetáculo sem nos dar conta, se o espetáculo é nossa realidade, não só porque tudo que conhecemos da realidade é sua representação pelos meios de comunicação, mas porque as relações sociais estão impregnadas da lógica do espetáculo, estamos presos à falsa

consciência alienada produzida pelas mídias para nos adaptar as necessidades do sistema. Presos como num sonho do qual devemos acordar. E ajuda nossos alunos a tomarem consciência dessa realidade produzida, a retomarem as rédeas das próprias vidas, a fazerem uma leitura crítica das mensagens midiáticas e a dominarem as tecnologias ao invés de serem dominados por elas.

Acredito que o ensino após essa pandemia passara por grandes transformações, uma vez que, nos professores temos devemos aproveitar esse momento que demos para o ensino hibrido e incorporar ele no ensino presencial, pois se utilizarmos dessa forma com certeza nossas aulas serão mais criativas e inovadoras, aliando a sala de aula invertida.

Os paradoxos do Ensino Fundamental Público

Luciana Maria Xavier de Matos[18]

O meu relato é pessoal e fala da péssima experiência vivida como professora do ensino Fundamental em tempos de pandemia e consequente isolamento social. Devido a esse período de pandemia, e com o contexto de aulas remotas, tivemos que nos adequar com recursos próprios, celular, computadores e internet, ao sistema de aulas remotas. Inicialmente porque a Secretaria Municipal de João Pessoa alega não ter recursos e noutro lado, descumpre alguns quesitos o documento do Ministério Público da Paraíba e Procuradoria Geral de Justiça, que traz orientações e esclarecimentos a respeito das normas aplicáveis à educação, em razão do contexto de pandemia. No caso da escola na qual

[18] Professora do Ensino Fundamental na Rede pública do Município de João Pessoa. Especialista em Artes e Ensino religioso (UFPB e UNIESP).

exerço o ofício de professora de Artes e de Ensino Religioso como profissional concursada.

Infelizmente, o ambiente é de assédio moral, por parte da gestão, uma vez que se traduz em um comportamento autoritário e assimétrico com tratamento desumano e humilhante enviando áudios nos grupos de *WhatsApp*. É constante essa situação de desconforto que vai impondo suas vontades em vantagem do cargo que ocupa e denegrindo minha imagem enquanto profissional perante a outros docentes, essa relação já vem acontecendo há tempos, o que me fez agravar minha saúde evoluindo para ansiedade e depressão.

Esse contexto se dá, dentre outras situações, por forçar a entrada dos professores em grupos de WhatsApp para dar aulas aos alunos. Depois de muito lutar para obter o recurso adequado, fui chamada de insubordinada, simplesmente porque a gestora da escola acreditava ser necessário a permissão da gestão, para entrar no grupo e executar o meu trabalho.

Ao me remeter a própria secretaria de educação do município, não há manifestação de solidariedade e nem empatia, pois, nem há pronunciamento e a ação é de passividade que deixa com que esse tipo de situação seja, a cada dia, mais presente no cotidiano do professor. Pedi a intervenção do Ministério Público da Paraíba para que faça valer nosso direito de fala, de ir e vir, de concordar ou não, o nosso direito de argumentar e participar das decisões de forma democrática. O professor deve ser respeitado, ter sua autonomia, poder dizer o que pensa dentro do contexto escolar, no que se refere ao trabalho. Estou cansada, me sentindo humilhada, angustiada e desprestigiada enquanto professora que sou. Me sinto desestabilizada no meu ambiente de trabalho, onde não posso sequer ter o direito de entrar ou sair de um grupo de WhatsApp, sem a permissão da direção da escola, que se acha no direito de mandar de forma impositiva e constrangedora na nossa prática escolar.

Faço esse relato para que se façam valer nossos direitos diante dessa realidade, que nos pegou desprevenidos, sem preparo, sem os recursos necessários, sem apoio psicológico e sem a devida atenção para com os professores e ao meu direito à dignidade humana, fundamento previsto no artigo 1º, inciso III, da Constituição", meu o direito à saúde, mais especificamente à saúde mental, abrangida na proteção conferida pelo artigo 6º, e o direito à honra, previsto no artigo 5º, inciso X, também da Constituição", acrescenta.

Em relação ao enquadramento estatutário, importante ainda indicar que entre os deveres impostos aos servidores pela Lei n° 8.112/90 está o de tratar com urbanidade as pessoas (art. 116, 11XI). Além disso, a referida lei prevê que é proibido ao servidor promover manifestação de apreço ou desapreço (art. 117, V).

A Constituição Federal, em seu artigo 1º, fixa os fundamentos da República, entre eles: cidadania, dignidade da pessoa humana e valores sociais da livre iniciativa (CF/1988, art. 1º,

incisos II, III e IV). Em seu artigo 3º, a CF/1988 elenca os objetivos fundamentais da República: a construção de uma sociedade livre, justa e solidária e a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (CF/1988, art. 3º, incisos I e IV). A Constituição Federal prevê, ainda, em seu artigo 5º, que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (...) III – ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante" (CF/1988, art. 5º, incisos I e III).

João Pessoa, 29 de setembro de 2020

Aula de Direito na minha sala

Luciano Honório de Carvalho

Na escolha consciente de uma profissão o ente se propõe a fazer com maestria a função, sabendo sempre que há mudanças e intempéries no meio do caminho, mas sempre apto para desviar o obstáculo ou superá-lo, é mister.

Aqueles que se propõem a ensinar ciências, artes, técnicas ou outros conhecimentos é o profissional professor, não pode ser diferente, e nos tempos atuais em que estamos vivendo é chegado a visitação viral, que nos arrebata do presidencial para o *on line*, onde deixamos de sentir as emoções faciais dos discentes, e enfrentamos uma tela frigida e plana de quadradinhos, onde no meio de uma explanação nos chega os pensamentos nefastos que nos leva a indagação : Será que eles estão comigo ?

Chegaram os desafios de aulas, conversas, testes, provas, ... tudo a distância, a alma docente por vocação senti a saudade de está no meio

deles, na bela interação de viver em sociedade, do olho no olho, abraços, apertos de mãos, indagações, discussões, quando voltaremos ao normal?

Em tempos de pandemia

Monicy Araújo[19]

O ano parecia bem promissor no início, as coisas estavam se encaminhando bem, leituras para o novo projeto de pesquisa, desenvolvimento dos objetos para o projeto de doutorado, um possível trabalho em vista o que facilitaria bastante fazer o doutorado em outra cidade, porém o coronavírus(que bem no começo do ano parecia distante ou que fosse ser uma endemia e que pudesse se alguma forma ser controlada) e outras questões acabaram mudando os rumos de alguns desses projetos.

Sempre fazemos planos e projetos de como fazer e/ou desenvolver as coisas, do tempo que vamos dispor para finalizar ou realizar determinados projetos, de fazer as coisas mais prazerosas primeiro e postergar as mais chatas, mas sempre algumas coisas acabam ficando de

[19] Graduada em História (UFMA), Mestre em Ciências das Religiões (UFPB) e pesquisadora de Estudos Nórdicos.

lado ou ‘pra depois’, e com aquele intuito de terminar um dia ou uma hora. Nessa pandemia acabei deixando muitas coisas pra depois por alguns motivos, desde os técnicos, como ficar praticamente sem computador (essencial para projeto que falei mais acima), até o medo de perder a minha mãe pra essa doença.

Ainda no início, as coisas estavam fluindo de uma maneira satisfatória, as leituras estavam indo bem, mas com o fechamento dos serviços não essenciais, das escolas e o fato das crianças terem que ficar só em uma casa(minhas sobrinhas não moram aqui então fica num trânsito entre a casa do pai e aqui) as coisas não foram rolando do jeito planejado. Entre um pai teimoso e uma irmã mais teimosa ainda foi luta(e ainda é) para eles colocarem em prática os novos protocolos de saúde. Entender que o distanciamento social é fundamental pra diminuir o contágio ainda é difícil pra eles, enfim deixando as divagações de lado, as coisas e tal, fiquei parada nos meus projetos em dois momentos.

Meados de abril minha mãe ficou doente com os sintomas da COVID-19, perdeu logo o olfato e ficou abatida, bem no pico da pandemia aqui, hospitais lotados e pessoas perdendo vidas. Ainda não sabemos com certeza se ela teve ou não, ficamos com a dúvida por que se não estivesse e levássemos nós hospitais designados só para a COVID, poderia ser contaminada, então preferimos ficar em casa e dependendo do estado teríamos que ir de uma forma ou outra para o hospital. O que posso te dizer com certeza foi que contei cada dia desde quando ficou doente, nem preciso dizer que o medo estava nas alturas.

Depois desse episódio, fiquei um tanto quanto sem muita vontade de continuar as minhas pesquisas e as deixei de lado, paradas um pouco. Nesse meio tempos fiquei sem computador (risos). Ele resolveu só funcionar no tempo dele e de acordo com o humor dele.

Complicado. Logo depois, minhas sobrinhas vieram e é bem complicado conciliar as coisas com 4 crianças em casa, sendo duas pequenas que chamam você a cada 5 minutos,

que precisam de você para algumas coisas e você precisa ajudar. Amo meus sobrinhos, mas eles são bocado e dão um trabalho.

Enfim, aconteceu bastante coisa, inclusive o atraso nas minhas pesquisas, mas já voltei à programação de estudos, ainda que sem computador e quebrando um galho pelo celular e aproveitando o computador quando ele permite o uso (risos), mas esse projeto vai ficar pronto só esperando os seletivos.

Ensino Religioso e Teologia

Themis Andréa Lessa Machado de Mello[20]

Durante a pandemia, o meu trabalho como professora de Ensino Religioso na rede municipal de Natal, ficou parado devido à suspensão das aulas. Após seis meses, ainda não retornei ao trabalho. Porém, a formação dos professores de Ensino Religioso está acontecendo de forma remota, a cada quinze dias, sempre nas segundas-feiras, o que tem sido uma experiência muito boa. A minha prática docente se restringiu as aulas para o Seminário Teológico Harland Graham, instituição teológica, o que não significou pouco trabalho. Na verdade, o trabalho aumentou, porque no início tive que dar aulas remotas pelos aplicativos e fazer as gravações para o canal do *youtube*. Também preparar os *power points* e separar a bibliografia para enviar aos alunos. A princípio, senti muita dificuldade com a

[20] Professora do Ensino Fundamental da Prefeitura de Natal / RN. Mestre em Ciências das religiões (UFPB) é pesquisadora nas áreas de Ensino Religioso e Teologia.

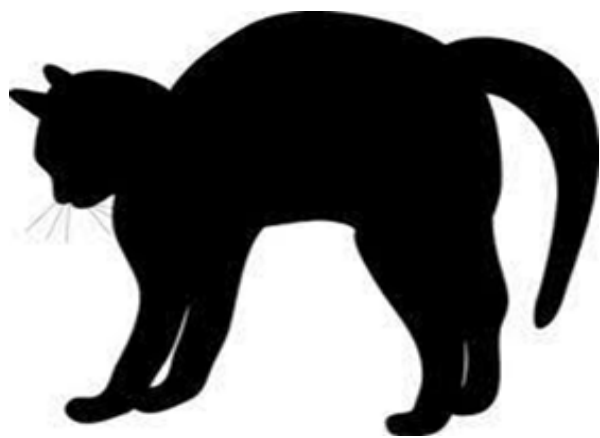
tecnologia. Precisei pedir ajuda para aprender a trabalhar de forma remota.

Atualmente, já consigo utilizar as ferramentas com mais eficiência. Tive que entregar três disciplinas porque peguei a COVID 19, e não tinha condições físicas de continuar trabalhando. Somente agora, depois de dois meses e meio, estou retornando a docência no Seminário.

Como formação continuada na área teológica, estou cursando uma pós- graduação na área de Antigo Testamento com o objetivo de ampliar o meu conhecimento na área teológica. Também tem sido uma forma de aprender mais a tecnologia das aulas à distância. Na área secular, estou fazendo uma segunda licenciatura, cursando história. Decidi fazer esses dois cursos para não me sentir ociosa, apesar do trabalho do Seminário e da formação continuada do trabalho na rede pública, ficou a sensação de que deveria estudar, até para aproveitar o tempo livre.

Em casa tenho um local para trabalhar, que fica no meu quarto. As dificuldades do

modelo remoto perpassam pelo ambiente doméstico, que precisa ser dividido com os demais membros da família, que as vezes me interrompem para resolver problemas. Outra questão, é que quando estamos em casa, desejamos organizar as demandas domiciliares. E não tem sido diferente comigo, então tenho procurado dividir o meu tempo entre as tarefas domésticas e o trabalho, tomando cuidado para não me prender muito as demandas da casa, e procrastinar as atividades referentes ao trabalho e estudos.

Esse é um relato da minha experiência durante a pandemia, mostrando como nós, professores, estamos enfrentando novos desafios que influenciam a nossa prática pedagógica. E mesmo diante de tantos obstáculos, conseguimos dar conta do que é colocado em nossas mãos. Usando um dito popular, tirando leite de pedra!

Nada fácil: protocolos de saúde x jornada laboral ampliada

Maria das Graças Araújo[21]

Inicio de semestre fomos surpreendidos com a pandemia com ela o isolamento social mudança de rotina, a educação buscou os meios para continuar um novo normal. Medidas foram adotadas, principalmente para adaptar a sala de aula partilhada por professores e alunos a partir de casa.

Assim, a casa passa a ser um estúdio de gravação de aulas, ou ainda o cenário no qual vai apresentar ao mesmo tempo as videoaulas, as reuniões escolares e a formação, além de um meio de atender a demanda dos seus alunos pela plataforma ou grupos de sociais. No meio dessa azáfama, os cuidados materiais e afetivos dos filhos marido e organização de sua casa de acordo com as normas de higiene do protocolo da saúde.

---

[21] Graduada em licenciatura em Historia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Federal da Paraíba- UFBP. Historiadora e pesquisadora.

Tudo isso faz com que a sua carga horaria agora vá além da dos tempos normais.

Surge em meio a tudo isso uma nova realidade os alunos que não tem acesso a internet como fazer? O professor entrega na escola o material para os pais levar ao aluno, então (nós professores) durante seus afazeres domésticos, recebemos uma ligação telefônica e do outro lado da linha a mãe reclama que o professor estar mandado muita tarefa e que ela não tem obrigação de ensinar isso é papel do professor, o aluno reclama que não esta entendendo o conteúdo das disciplinas muito embora você já tenha explicado diversas vezes e como conciliar todas essas mudanças e reponsabilidades como serenidade de um educador?

Sua formação como professor vai além de estar em sala de aula ou repassar conteúdo somos seres em movimentos capacitados para as mudanças e adequações do nosso meio, o novo normal vai nos deixar mais experientes para compreender as dificuldades de nossos alunos e nossas limitações e quando tudo isso passar a

volta a sala de aula terá um sabor especial o abraço vai passa a seguinte mensagem: nos conseguimos.

Para o aluno também não está sendo fácil a principio a ausência das aulas presenciais parecia férias ai o tempo foi passando e a falta de interagir como os amigos e professores a falta de rotina e a segurança em tirar suas duvidas como o professor na sala de aula começa afetar nossos alunos, as dificuldades e o estresse dos pais com o isolamento, muitos não auxilia nas tarefas porque tem pouco conhecimento ou não tiveram acesso a escola isso trás para o aluno falta de interesse e estimulo é muito difícil para eles as mudanças e o isolamento.

Mas tudo estar passando e aprendemos com o corona vírus que o mundo estar sempre em constante transformação trazendo novos conhecimentos e valores um ensino e aprendizagem para todos alunos professores e todos os seres humanos que tenhamos um olhar de aprendiz quando o novo normal chegar.

Pesquisador e dono de casa

João Carlos de Miranda e Silva

Mudanças ocorrem naturalmente na vida de todos os seres vivos, sejam eles animais ou plantas, podem ser provocadas pelo meio onde vivem, pelas etapas naturais do desenvolvimento ou por causas externas que fogem ao nosso controle, para nós seres humanos, elas desempenham um papel fundamental de nos tirar tão falada “zona de conforto” forçando a todos, como indivíduos vivendo em sociedade a buscar o amadurecimento, a evolução, a adaptação para aquela situação de crise.

O coronavírus e essa pandemia mudaram e vêm transformando a vida humana em muitos aspectos, relações pessoas e de trabalho precisaram ser revistas, adaptações forçadas e protocolos de segurança necessitaram igualmente serem postos em prática e principalmente o aspecto de higiene e segurança

nunca foram tão debatidos e aplicados como nos dias atuais, quando as questões sanitárias.

Eu enquanto servidor e técnico precisei trabalhar muito para também me adaptar aos novos protocolos, isolamento, teletrabalho, alternar funções com os demais funcionários do meu setor e principalmente assumir também as responsabilidades de casa junto com a minha já antes sobrecarregada esposa, as crianças agora vivem em tempo integral em casa, com metade da renda cortada não podemos mais ter alguns luxos como o de ter uma auxiliar em casa, e foi ai que passei a assumir também a equipe “lá de casa”.

Antes de começar o *home office* já tenho feito o café da manhã e colocado toda a louça em dia, a varrição e arrumação da casa ficam entre a leitura de um relatório e outro, o lado tutor/professor do pequeno que assiste aula remota em casa no meu computador de trabalho também é compartilhado uma lavagem de roupa ali, com uma saída ao mercado acolá. Porém entre um afazer e outro nunca me senti tão conectado e satisfeito por ter parte do controle da minha casa,

a hiperconvivência é difícil no começo, muito difícil na verdade, mas superada essa fase de "crise" é possível colher bons momentos que antes pareciam mais presentes em passeios no shopping e viagens.

Acredito que é possível enxergar um lado positivo nessas mudanças todas, mesmo se tratando de uma doença terrível que já dizimou milhares de pessoas e ainda vem acometendo outros tantos. Além de crer que essa não será a última das crises sanitárias em escala global que iremos enfrentar, mas como toda "crise" existem mudanças significativas e lições que não só eu, mas toda a humanidade pode tirar ações positivas, aprender mais sobre si próprio e sobre os outros.

Referências

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, n. 78, ano XXIII, p. 117-142, abr. 2002.

CARVALHEIRO, José da Rocha. A Epidemiologia Crítica do século XXI e o ciberespaço* **Rev Bras Epidemiol** out-dez 2015; 18(4): 971.

PESSOA, Ângelo Emílio. **O Milagre da Metamorfose** Humana. Disponível em: http://diatomaceasdalagoa.blogspot.com/2012/08/o-milagre-da-metamorfose-humana.html?m=1

SIBILIA, P. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

VALADARES, M. G. P. F. A verdade de si e as narrativas confessionais: do Eu clássico ao Eu midiático. **Comunicação & Inovação**, v. 14, n. 26, p. 57-64, 2013.

A sala de aula na minha casa:
Desafios da educação Em tempos
de pandemia

ISBN 978-655825012-8